

# ARTES VISUAIS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL ANOS FINAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

VISUAL ARTS FOR ELEMENTARY SCHOOL: AN EXPERIENCE REPORT

Luisa Ferreira Gusi<sup>1</sup>

**RESUMO:** A experiência relatada ocorreu durante aulas de Arte numa escola particular de São Paulo, com alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental – idades entre 13 e 14 anos. Compararam-se as atividades docentes realizadas nos anos de 2017 e 2019, contrastando-as. Em ambos os casos, o foco do segundo bimestre do respectivo ano foi um projeto com fotografia, com os alunos usando o seu próprio aparelho celular ou *tablet*. Fizeram-se citações a autores do campo da educação, como Morin; do ensino de arte, como Albano, Barbosa e Porcher; e do campo da fotografia, como Gisi. A escolha da fotografia se dá pela sua atual facilidade – encontrada em todos os *smart devices* do público-alvo. Depois de dificuldades em relação à entrega de atividades por parte dos alunos a professora-pesquisadora decidiu usar uma rede social como parte integral do trabalho. A literatura sobre educação enfatiza que o trabalho do professor envolve contextualizar o conteúdo escolar dentro da realidade do aluno, o docente deve se preocupar em entender como de fato o seu educando lida com assuntos contemporâneos como a tecnologia, a internet e as redes sociais.

**Palavras-chave:** Educação Formal; Ensino de Arte; Fotografia.

**ABSTRACT:** The reported experience occurred during Art classes in a private school in São Paulo, with seventh-year Elementary School students – ages 13 to 14 years. The teaching activities carried out in 2017 and 2019 were compared, contrasting them. In both cases, the focus of the second two-month period of the respective year was a project with photography, with students using their own cell phone or tablet. Quotations were made to authors of the field of education, such as Morin; art teaching, such as Albano, Barbosa and Porcher; and the field of photography, like Gisi. The choice of photography is due to its current facility – found on all smart devices of the target audience. After difficulties in relation to the delivery of activities by the students, the teacher-researcher decided to use a social network as an integral part of the work. The literature on education emphasizes that the teacher's work involves contextualizing school content within the student's reality, the teacher should worry about understanding how in fact his student deals with contemporary subjects such as technology, the internet and social networks.

**Keywords:** Formal Education; Arts Education; Photography.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho relata uma experiência desenvolvida por uma professora-pesquisadora que leciona a disciplina de Arte em uma escola particular de São Paulo desde 2017. Nos anos de 2017 e 2019, foram comparados dois bimestres escolares, com o objetivo de averiguar o uso da fotografia como exploração artística durante as aulas.

Neste intervalo de dois anos, houve mudanças de planejamento, principalmente a incorporação de trabalho com redes sociais. Com a popularização dos *smartphones*

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciência da Informação (USP). Licenciada em Artes Visuais (UFPR) e Normalista (antigo Magistério, atual Curso de Formação de Professores em Nível Médio), é professora na Educação Básica há dez anos. [luisa.gusi@usp.br](mailto:luisa.gusi@usp.br).

com câmera fotográfica, fez-se necessário aprender a usar esse instrumento, tanto no seu aspecto técnico quanto no educativo.

As escolas estão cada vez mais engajadas no uso de tecnologias educacionais, mas nem sempre tal função básica de *smartphones* e *tablets* é levada em consideração nas atividades educativas. O ensino de Arte não pode se limitar a princípios estéticos das belas-artes; além de trabalhar com linguagens e obras contemporâneas, aquele que é arte-educador precisa se preocupar com o modo que o seu aluno interage com as artes.

Este texto traz o relato do planejamento da professora-pesquisadora e o engajamento dos alunos durante as atividades. As experiências foram realizadas com alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental, com idades entre 13 e 14 anos.

## BASES TEÓRICAS

O ensino de arte é um dos meios que a educação formal possui para livrar os alunos da alienação. Os campos de conhecimentos artísticos, como as Artes Visuais, possuem saberes necessários para que os estudantes do ensino básico adquiram os processos cognitivos suficientes para pensar criticamente sobre o meio em que estão inseridos.

A livre auto expressão constitui, como se sabe, um dos objetivos essenciais das atividades de formação da personalidade. O conjunto de disciplinas artísticas torna-se, desse modo, um espaço exemplar no qual se constrói o progressivo domínio dos meios dessa expressão. [...] Finalmente, o ensino artístico visa dar às crianças os meios de se tornarem sensíveis à obra de arte. Em outras palavras, trata-se de tornar cada aluno apto a receber a *mensagem* das obras de arte (PORCHER, 1982, p. 15-16; grifo no original).

Assim, ensinar técnicas de produção artística não é um fim em si, mas tem propósito como instrumento intelectual. A história da arte não deve ser pensada como uma série de informações a serem decoradas, mas como um meio de saber como artistas ao longo das eras interpretaram sua sociedade.

As teorias da arte, então, são para se ler melhor a cultura visual de sua sociedade, com a intenção de “ampliar o âmbito e a qualidade da experiência estética visual” (LANIER, 1984, p. 46).

Os alunos da contemporaneidade já se inserem numa cultura visual saturada graças à televisão e à internet, mas não sabem interpretar completamente o que percebem através dos olhos; portanto, o dever do professor é ensinar como utilizar a visão de forma crítica, decodificando o mundo ao seu redor. Ele, o educando, não precisa decorar a biografia de artistas ou conhecer termos técnicos e filosóficos, mas deve conseguir apontar qualidades e defeitos nos elementos visuais no seu meio ambiente, para que as “atividades de arte na sala de aula possam promover crescimentos pessoais independente do valor ou da resposta estética” (LANIER, 1984, p. 44).

O que o educador em Arte precisa pensar é em como relacionar o seu próprio conhecimento, adquirido na formação superior, com “vivências que possibilitem aos alunos reverem e ressignificarem sua relação com a arte” (ALBANO, 2010, p. 27), usando exemplos de seu cotidiano e linguagem compreensível, sem perder o foco de que a função da educação é expandir os horizontes dos educandos.

É típico que um professor, independentemente de sua disciplina ou do ano escolar, peça à sua turma para que seja *criativa* em suas tarefas escolares, usando o termo de forma genérica.

Uma primeira pergunta seria: se, conforme sugere Piaget, somos seres de criação ao conhecermos o mundo, se somos criativos no processo de conhecimento, então não soaria estranho, redundante e talvez inadequado declararmos em nossos planos de aula que pretendemos formar alunos criativos, *como se a criatividade fosse algo a ser doado*, transmitido ou adquirido pelo aluno no processo de formação? [...] Não seria o caso de nos perguntarmos *com o que exatamente estamos preocupados* quando anunciamos que formaremos alunos críticos e criativos? Que sentidos atribuímos às palavras criatividade e criticidade? (CHRISTOV, p. 13, 2006. Grifos nossos.)

Ao fim do texto de Christov (2006), se chega à conclusão de que chamamos *criatividade* como uma forma de inteligência – semelhante à teoria de inteligências múltiplas de Gardner. Portanto, sim, a chamada *criatividade* é uma habilidade que pode ser trabalhada em sala de aula, a ser desenvolvida aos poucos.

No senso comum, o trabalho do artista é imaginado como sendo uma inspiração, não como um projeto de pesquisa e experimentação. Mas a obra não surge de um plano superior; a obra é uma interpretação do artista sobre dado tema, seja em seus aspectos técnicos quanto narrativos.

Ao destacar a parte final da citação: a arte contemporânea, de forma muito mais enfática do que em toda a história da arte (ocidental), lida com o *quotidiano*, o *intervenção*, e o *comentário*<sup>2</sup>. Artistas contemporâneos continuam a usar o conhecimento sobre a história da Arte em seus processos de criação; mas ela não é um mestre e, sim, um texto a ser ampliado, discutido ou zombado.

Tratando-se especificamente da fotografia, verificamos que:

A fotografia como um dispositivo de produção de imagens descartáveis, ordinárias em seu trânsito pelo mundo comum, é fruto de uma técnica popularizada e, nesse momento, disponível como algo suficientemente automático para ser manipulado por qualquer pessoa (GISI, 2015, P.238).

Nessa citação, a autora se refere ao crescimento da fotografia no campo das Artes, seja como obra ou como documento, durante os anos 1960. Sessenta anos depois, como afirmado na Introdução deste texto, câmeras são mais comuns e populares. Mesmo considerando apenas aplicativos para celulares, há várias possibilidades para edição de fotografias.

Portanto, usar a técnica fotográfica em sala de aula possibilita ao professor demonstrar concretamente como elementos de visualidade estudados desde a Renascença – como a perspectiva e a teoria da cor – ainda são úteis para criar imagens.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

Câmeras são objetos comuns atualmente. Mesmo celulares mais simples possuem uma câmera fotográfica. Usando um objeto do cotidiano em sala, o professor tem mais opções de discussão e contextualização.

---

2 Entende-se aqui o *comentário* na perspectiva foucaultiana.

O fazer arte exige contextualização, a qual é conscientização do que foi feito, assim como qualquer leitura como processo de significação exige a contextualização para ultrapassar a mera apreensão do objeto (BARBOSA, 2012, p. XXXIII).

Uma contextualização significativa ocorre durante todo o trabalho: na motivação, na discussão, na produção e na avaliação. Durante o momento de introdução do trabalho, o professor pode perguntar quem se considera um bom ou mau fotógrafo, o porquê de tal opinião e como alguém pode definir a beleza de uma fotografia. Com as redes sociais, é comum que os alunos digam que uma boa foto é “uma foto com muitos *likes*”.

No planejamento de 2017 realizou-se com os alunos – ao longo dos dois meses do segundo bimestre – cinco trabalhos pequenos – acanhados em porcentual da nota para o boletim – e um trabalho grande.

As atividades menores eram experimentações semanais relativas a aspectos visuais ou técnicos da fotografia: uma focada em composição visual; uma usando luz artificial e sombra; outra deveria ser uma foto em preto e branco; uma usando edição básica de fotos, em relação à saturação de cores; e a última com relação à velocidade do obturador e abstração na fotografia.

Semanalmente, cada aluno deveria enviar por *e-mail* suas imagens à professora. O trabalho final era um álbum conceitual, como a exemplo de Cindy Sherman. Ele deveria ser um álbum impresso. Tal planejamento foi eficiente no sentido de que os alunos enviaram as suas fotografias à professora, seguindo as diretrizes impostas. Mas foi um trabalho indiferente, tanto para eles quanto para a educadora. Não havia desafios; nenhum desafio relacionado às fotos propriamente, na verdade.

É comum ouvir as gerações mais velhas dizendo que os jovens de hoje já nascem sabendo usar o computador, porém tal noção ignora como de fato as gerações que estão ingressando na escola atualmente usam essa ferramenta.

Poucos alunos têm um *e-mail* usado para comunicação; eles entendem o *e-mail* apenas como um meio para criar uma conta numa rede social ou em algum jogo. Assim, eles têm seu endereço eletrônico, porém só o usam para receber informações, não sabendo como enviar uma mensagem. Mesmo aqueles discentes que sabem como enviar mensagens podem não saber como anexar um documento – no caso, a fotografia.

É necessário investigar o que os alunos já sabem fazer, e, a partir disso, o docente deve adaptar o seu planejamento. Por esse motivo, em 2019, no final do primeiro bimestre, a professora-pesquisadora decidiu realizar uma enquete com a turma, incluindo a pergunta “Como vocês querem enviar as fotos para a professora?”.

Os alunos escolheram enviar via rede social. Com isso, as atividades menores continuaram as mesmas – experimento com composição; luz e sombra; preto e branco; saturação; velocidade do obturador, mas os alunos enviavam já no mesmo dia da aula, usando o recurso de mensagem direta – *direct message* – da rede social.

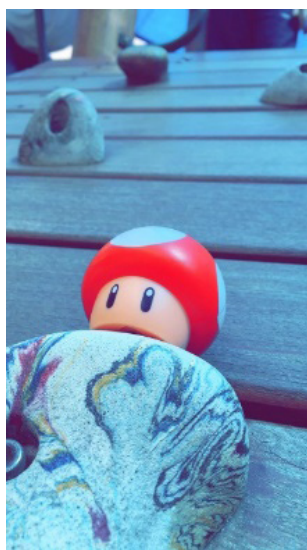
O trabalho final mudou totalmente, isto é, em grupos de dois a três, os alunos deveriam criar um perfil focado apenas em fotografia – por questões de segurança e privacidade, não era permitido incluir rostos ou nomes de alunos.

Não houve uma diferença estética entre as fotos de 2017 e as de 2019, ou seja, não houve mudanças significativas ou uma *melhora* na qualidade estética, de modo

geral. A mudança ocorreu no aproveitamento durante as aulas, pois não houve passividade.

Em 2019, ocorreram mais experimentações. Comparando os dois anos trabalhados (2017 e 2019), na perspectiva artística ou fotográfica, não tiveram grandes modificações, mas houve uma transformação nas atitudes dos alunos. Houve mudanças para melhor no que diz respeito à autonomia dos discentes e à entrega dos trabalhos.

Na **Figura 1** percebe-se a criatividade em local aberto. A fotografia foi realizada por um aluno, em 2017, com o Tema: saturação.



**Figura 1.** Brinquedo em formato de cogumelo posicionado em playground de madeira.

Fonte: autora.

Na **Figura 2** percebe-se a criatividade em local fechado. Fotografia realizada por um aluno, 2019, com o Tema: preto e branco.



**Figura 2.** Conjunto de pincéis desordenados dentro de um pote

Fonte: autora.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ditado popular é “a prática leva à perfeição”. O planejamento para o projeto de fotografia ainda não é perfeito. A cada ano o projeto deve ser refeito. Pode ser que haja ainda outra rede social com um paradigma diferente para o que é uma “boa” foto, ou talvez as próximas turmas não queiram usar meios digitais e prefiram produzir fotos mais próximas às belas-artes.

Talvez, o conceito de *pin hole* possa ser incluído no futuro, principalmente para que os conceitos de luz, de exposição e a função do obturador fiquem mais concretos e claros.

O mais importante dessas mudanças num intervalo tão curto, de 2017 a 2019, é que se percebeu que esse projeto é um momento em que a relação professora–aluno é a mais horizontal dentre todas as atividades da aula de Arte. Isso faz com que eles fiquem mais entusiasmados com o que acontecerá ao longo do bimestre.

É impressionante que a educação que visa a transmitir conhecimentos seja cega ao que é o conhecimento humano, seus dispositivos, suas enfermidades, suas dificuldades, suas tendências ao erro e à ilusão, e não se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer (MORIN, 2011, p.15).

A ideia é pensar o *conhecimento humano* não de forma genérica, como sendo qualquer conhecimento gerado pelo ser humano, mas saberes que *interessam ao homem*, que o ajudam a compreender seu meio e a interagir com ele.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBANO, A. Arte e Pedagogia: além dos territórios demarcados. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 80, p. 26-39, jan.-abr. 2010.
- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino de arte: anos 1980 e novos tempos**. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva: 2012.
- CHRISTOV, L. Sobre a palavra criatividade: o que nos levam a pensar Piaget e Vigotski. 2006. In: CHRISTOV, L.; MATTOS, S. (Orgs.). **Arte Educação: experiências, questões e possibilidades**. São Paulo: Expressão e Arte, 2006.
- GISI, J. **60/70: as fotografias, os artistas e seus discursos**. Curitiba: Juliana Gisi, Martins de Almeida, 2015.
- LANIER, V. Devolvendo Arte à Arte-educação. In: **Revista Ar'te**. São Paulo, Editora Max Limonad, n.11, 1984, pág. 4-8.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. ver. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.
- PORCHER, L. **Educação Artística: Luxo ou Necessidade**. São Paulo: Summus, 1982.
- VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, Maio/Jun/Jul/Ago 2003.